

**Folha de S. Paulo**

**13/1/2002**

## **18 ANOS DEPOIS**

*Luta por melhores condições de trabalho no campo deixou marcas na cidade; desemprego assusta*

### **Greve de 84 faz Guariba 'parar no tempo'**

Rogério Pagnan

Da Folha Ribeirão

Quase 18 anos depois, a greve dos bóias-frias de Guariba de 1984 deixou marcas profundas na cidade. O movimento, uma das mais importantes lutas sindicais do país, condenou o município a uma história de desemprego, analfabetismo e exclusão social.

Foi a partir das violentas manifestações de Guariba, contida a força pela polícia do final do regime militar (1964-85), que os trabalhadores rurais de todo o país ganharam uma série de direitos antes inexistentes, como o registro em carteira.

Só que os moradores de Guariba pagam um alto preço até hoje. A cidade sofre preconceito, com a fama de "agitadora". O sindicato local e a prefeitura acusam a existência de um boicote contra o trabalhador do município. Com temor de líderes sindicais, as empresas estariam contratando mão-de-obra de outras regiões.

"O trabalhador de Guariba não teve nenhum ganho com isso (a greve de 1984). Todos ganharam, mas quem levou o prejuízo foi o pessoal de Guariba, que ficou com a marca do movimento", disse o prefeito Hermínio de Laurentiz Netto (PSDB).

Segundo eles, as empresas temem novas manifestações. "Os usineiros não contratam trabalhadores de Guariba com receio de eles promoverem novas greves; afirmou o secretário-geral do Sindicato dos Empregados Rurais de Guariba, Isaias Alves Pereira, 31.

Com a facilidade de emprego na região, ainda segundo o sindicalista, os migrantes começaram a buscar suas famílias e se instalaram na cidade. Como essa mão-de-obra é desqualificada, o nível analfabetos no município chegou a um dos índices mais altos. Hoje, segundo dados do IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), 17,66% (a maior taxa da região) dos chefes de família têm esse perfil.

Os moradores, sem outra opção de trabalho, foram fadados ao desemprego. A prefeitura diz que a cidade, com 31.035 habitantes, tem 10 mil desempregados. Segundo o Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados), Guariba possui 9.089 pessoas empregadas. Deste total, 80,49% ganham abaixo de cinco salários mínimos (R\$ 900).

Como comparação, Ribeirão Preto tem renda média de R\$ 12,83 (a do Estado é de R\$ 1.076).

Sem emprego, algumas pessoas foram excluídas da sociedade. Esse é caso, por exemplo, de Antônio Rosa, que, por não conseguir mais trabalho na cidade, perdeu seus três ônibus que usava para transportar os trabalhadores rurais. Além dos veículos, ele perdeu a família. "A mulher foi a primeira a me deixar. Ela tinha um padrão de vida de R\$ 1.000 de mesada, não suportou", disse.

Hoje, Rosa mora em um acampamento de sem-terra em Andradina (SP), após ser despejada por nove vezes de outros acampamentos nos últimos três anos.

Como se os problemas já não fossem grandes o bastante, a mecanização na lavoura começou a deixar mais desempregados.

A principal greve dos trabalhadores rurais ocorreu em 15 de maio de 1984, quando 5.000 pessoas foram para as ruas de Guariba protestar contra a alta tarifa de água e esgoto e contra as péssimas condições de trabalho.

Durante a manifestação, que durou quatro dias, houve depredação de prédios públicos, saques e um violento confronto com a Polícia Militar. O protesto terminou com uma pessoa morta, 30 feridas (entre manifestantes e policiais), cinco carros incendiados (dois da Sabesp), um supermercado saqueado e quatro prédios públicos depredados.

O movimento só terminou após o governo assinar um acordo com garantindo direitos e melhorias nas condições de trabalho.

Para o professor de economia agrícola da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) José Graziano da Silva, 52, o episódio foi um marco na história do país porque "libertou" os trabalhadores rurais da situação que viviam.

"Foi um movimento extremamente progressista. É a mesma história que abolir a escravidão. Dá problemas, mas foi o movimento de libertação. Antes esses trabalhadores eram considerados verdadeiros bichos", afirmou ele, autor do livro "De Bóias-Frias a Empregados Rurais".

Para a gerente de recursos humanos da Companhia Energética Santa Elisa, Rosmary Delboni, 40, não houve retaliação aos trabalhadores de Guariba no setor, até por uma questão social.

A Folha procurou durante a semana passada representantes de outras usinas da região, do sindicato patronal da indústrias e da associação dos produtores de cana para falar sobre o assunto, mas não conseguiu contato, pois eles estavam viajando.

**(Folha Ribeirão)**